

Apresentação de *As quatro estações da poesia* de Márgara Russoto, poemas traduzidos por Susana Antunes

Antes de mais, tenho de exprimir a grande alegria que sinto por ver a poesia de Márgara Russotto traduzida em mais uma língua e desta vez o português, através da tradução de Susana Antunes, docente de Português na Universidade de Milwaukee, Estados Unidos. Além disso com a mais-valia de se tratar de uma edição bilingue. Quero, por isso felicitar, a autora, a tradutora e também as edições Afrontamento pelo trabalho desenvolvido.

Primeiramente, o título ***As quatro estações da Poesia*** remete-nos para o fluir da natureza e para um tempo concluído, um ciclo fechado, que enforma e enraíza o próprio ato poético na sua essência.

A primeira estação, a Primavera, inicia-se com a evocação a uma musa que, apesar de avarenta, tem o poder de tudo transformar através da sua enigmática e poderosa dança, ultrapassando as fronteiras do sonho. Seguidamente, deparamo-nos com a oferenda à Virgem protetora da jurássica margarida, flor bárbara, gentil. “de selvagem permanência”, que encerra em si a simbologia da própria voz autoral e da “peregrinação das coisas até à sua total constituição e substância”. (p.13). E este diálogo entre o sagrado e o profano que sacraliza os mais singelos gestos do quotidiano, impregnando-os simultaneamente de uma fina ironia, prolonga-se com a “epifania das sardinhas” e o insustentável peso das “chaves do mundo” fugazmente revelado. É ainda esta a estação habitada pelas “terras de mar”, com imagens intensas ao sabor do “fluxo azeitado do Caribe” (21) , a evocar a constante travessia de territórios, de mundos e de culturas. Essa travessia consubstancia-se igualmente através da intertextualidade com Hermann Hess no poema intitulado “Herman Hess e as borboletas” que termina com uma “gota de mel suspensa/ na luz/ de um fim de verão” (p. 25). Contudo, o tecido intertextual delineia-se através das referências explícitas a muitos outros autores, como é o caso da poetisa venezuelana Dulce Maria Loynaz, autora do verso “se me quiseres, quer-me inteira” (61), que integra o poema “Modinha extravagante” ou ainda a Walt Withman, Colette, referidos em “Tundra 25” (p. 77), o poeta cubano José Lezama Lima (p. 129).

O Verão é a estação marcada pelo domínio do corpo, do sensorialismo, do sensualismo, mas também do sarcasmo, da violência, como se evidencia em “fragilidade sentimental” (p. 47) ou o humor, em “antropólogo antropófago”, evocativo, segundo Amelia Gamoneda, da sombra de César Lombroso, o antropólogo, psiquiatra, médico e criminologista italiano (1835-1909), que influenciou o código penal brasileiro no século XX (anos 30), um código que discriminatório dos mais desfavorecidos. Outra sombra subjacente à figura deste antropólogo devorador de índios é a personagem de Fred Murdock do conto intitulado “el etnógrafo” de Jorge Luis Borges. Transparece, neste poema, uma antropofagia que comunga com ideais herdados do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade (1928) no início do Modernismo Brasileiro.

O acto migratório, a procura de um local idílico, é um dos elementos estruturadores de diversos poemas, como é o caso de “Ursos”

“No outono iremos ao norte

Porque migrar é preciso.

Até às terras altas do pele-vermelha e do bisonte

Onde é sempre primavera. “ (p. 71)

Mas também aqui o sarcasmo, a crítica o humor marcam presença:

“Comeremos tudo

Índios

Caçadores

Fotógrafos curiosos da National Geographic

Comeremos todo o estado de Montana

Nada nos deterá

Somos lenda” (73)

Por seu turno, o outono é a estação por excelência da memória, a evocação do passado e do quotidiano que se converte em poesia, adquirindo uma nova dimensão para além da que reveste a superfície de cada ato rotineiro. É o espaço onde assomam os três emissários da morte, das recordações da infância e da consciência da passagem do tempo e do

envelhecimento no poema” pimento “(p. 87), como se verifica no seguinte excerto:

Hoje vendo araras em mercados mexicanos,
E passeio pelas montras
Cheias de ouro falso
Como os meus poemas.

De longe
Algumas vezes
O espectro da minha mãe ternamente recrudescer.
A sua voz é um sopro gelado:
Bem te disse (p. 89).

Mas é ainda nesta estação conotada com o entardecer que surge o desejo de “voltar com os cavalos”, de recuperar o tempo que se esvai, de acender a esperança como antídoto contra o desânimo:

“Voltar com os cavalos
Ao início de tudo. Ir ao seu encontro
Pelos caminhos dos girassóis inquietos.
Com os cavalos ser uno
Antes que as nuvens se precipitem
No fim do mundo (p. 103)

E chegamos à quarta estação, ao Inverno, onde se acentua a consciência da finitude, da mortalidade que transparece, por exemplo, na “inscrição na porta de um cemitério no meio da névoa”:

Éramos como vós
Sereis como nós (131)

Notamos que a passagem do tempo é implacável, mas a infância pode ser reversível como verificamos no poema da p. 141, pois e passo a citar :

“A escuridão não é mais
Do que o instante à espera
do esplendor. (p. 141).

E muito elucidativo é o último poema intitulado “ninguém pode ser sido mais feliz do que nós”, que evoca a efemeridade da vida, a condição humana, pois:

“morreram todos finalmente

De imortal luxúria

No poema

A manhã encontra-os imóveis

Exército desenhado

De tanta doçura e luz

Varrido

Com a vassoura húmida de orvalho

E sem piedade.” (145).

A título de conclusão, podemos referir que nestas quatro estações, o quotidiano, a memória e, em suma, a vida em todo o seu esplendor e nas suas várias fases, se convertem em pura poesia, consubstanciada numa linguagem que interroga, desafia. Enfim, uma poesia impregnada de imagens únicas e poderosas que nos habitam e enriquecem, ultrapassando as fronteiras do tempo e de todas as estações.

Dora Nunes Gago